



Pilotos da FAB confirmaram perseguição aos sinais

Pilotos confirmam ter visto OVNI's

Três pilotos militares confirmaram, em entrevista coletiva ontem, ter realmente visto sinais luminosos não-identificados no céu. Na segunda-feira passada, eles participaram de uma verdadeira caçada para identificar registros anormais verificados nos radares da Aeronáutica em São Paulo e Brasília. Além desses sinais luminosos, estranhos ecos nos radares impressionaram o Ministério da Aeronáutica, que nomeou uma comissão para investigar o caso.

Alertado pelo Centro de Controle Aéreo de São José dos Campos (SP), o piloto da Embraer, Alcir Pereira da Silva — que vinha de Brasília, foi o primeiro a ver o "ponto" luminoso, na direção da cidade de São Paulo. Ele tentou se aproximar mas o ponto logo desapareceu.

O tenente da Força Aérea Brasileira (FAB), Kleber Caldas Marinho, pilotando um F-5 que decolou da base aérea de Santa Cruz (RJ) disse ter visto um "ponto de luz de cor branca", que se deslocava em sentido horizontal. Afirmou que o mesmo em certo momento, mudava para as cores verde e vermelha. Kleber conseguiu se aproximar 24 quilômetros do ponto, que rumou em direção ao mar, quando o piloto retornou à sua base.

O capitão Márcio Brisolla Jordão, que pilotava outro F-5, saiu da mesma base 15 minutos depois, viu um "ponto fixo de cor vermelha, que não se movimentava". Tentou se

aproximar da luz, mas desistiu ao perceber que não teria combustível para retornar. Antes, o radar de Brasília detectou 13 "ecos" acompanhando o caça a uma distância de 35 quilômetros. Jordão, contudo, não visualizou os mesmos em seu radar de bordo.

Já o piloto do Mirage que salda base de Anápolis, capitão Armindo Souza Viriato, confirmou ter detectado no radar do Mirage "ecos" que se deslocavam em zigue-zague, entre Anápolis e Goiânia. Aproximou-se cerca de 10 quilômetros do local do "eco", mas não conseguiu avistar nada, embora a noite fosse clara.

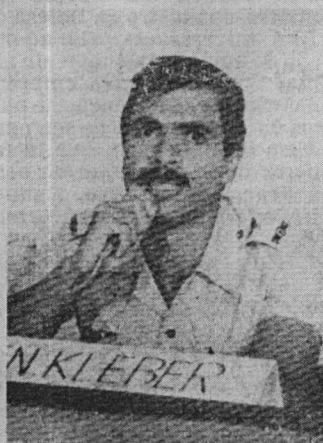
Os outros dois pilotos que participaram da operação — captaes Rodolfo da Silva Souza e Júlio Cezar Rozemberg — disseram não ter nenhum contato no radar de bordo, nem visual.

O tenente Francisco Hugo Freitas, chefe de controle do Centro de Operações de Brasília, que praticamente orientou todos os pilotos da FAB na caça, afirmou que em 14 anos de trabalho junto aos radares "nunca viu nada parecido se manifestar na tela". Não afastou, contudo, a possibilidade dos "ecos" serem fenômenos meteorológicos, ou mesmo a eventualidade de serem OVNI's.

Participaram também da coletiva o coronel Sidney Azambuja, chefe do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro e major Ney Antunes Cerqueira, chefe do Comando da Defesa Aérea.



Jordão



Kleber

CORREIO BRASILEIRO 24-05-86.



Alencar Monteiro

Os pilotos não chegaram a nenhuma conclusão

Oficiais contam como observaram os OVNIs

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Durante mais de duas horas, dez oficiais da FAB relataram os episódios por eles vividos no último dia 19 quando os radares do Centro Integrado de Defesa Aérea detectaram objetos voadores não-identificados nos céus de Goiás e na rota aérea Rio-São Paulo. Os cinco pilotos dos F-5 de Santa Cruz e dos Mirage de Anápolis revelaram o que viram, mas não chegaram a nenhuma conclusão sobre o que poderiam ser os pontos luminosos vistos nos céus.

A convocação da entrevista coletiva com os pilotos, com os chefes da operação e do Centro de Defesa Aérea e com os controladores dos radares encheu o auditório do Ministério da Aeronáutica de repórteres brasileiros e estrangeiros.

Ao final, apenas uma conclusão: os radares de terra do Centro Integrado de Defesa Aérea pilotaram objetos no céu, que perseguidos por aeronaves F-5 e Mirage não chegaram nem sequer a ser identificados. Segundo o capitão Márcio Brisolla Jor-

dão, de 29 anos, que decolou de Santa Cruz, sua aeronave esteve a 50 km do ponto luminoso por ele visto, mas depois de ter voado uma hora e 20 minutos, e não tê-lo alcançado, preferiu voltar para a base, com receio de ficar sem combustível. Seu avião carregava mísseis e canhões, mas a ordem que tinha era apenas identificar o alvo, o que, finalmente, não pôde ser feito por nenhum dos envolvidos.

OUTROS

Um avião da Votec, com 27 passageiros, foi seguido quarta-feira por um objeto voador não-identificado durante 15 minutos quando fazia a rota Belo Horizonte-Uberlândia-São Paulo. Não só os tripulantes, mas todos os passageiros viram o objeto — redondo, de intensa luminosidade branca, verde e vermelha.

No céu de Maringá, Paraná, várias pessoas afirmaram ter visto um objeto na quarta-feira à noite, que foi até filmado por um cinegrafista da TV Cultura. O objeto emitia alternadamente luzes coloridas — azuis, vermelhas, verdes e às vezes prata.

O E. S. PAULO. 24.05.86.

Americanos querem saber mais de OVNI

Nova Iorque — Os cientistas começam a interessar-se pelos OVNI's nos Estados Unidos e 600 deles assistiram a uma conferência do astrônomo James Allen Hynek sobre o controvertido tema dos objetos voadores não identificados. Hynek, considerado uma autoridade mundial em ovniologia, pronunciou sua conferência — à qual se seguiu um debate — na sede da American Association for the Advancement of Science (Associação Americana para o Progresso da Ciência) "AAAS", em Nova Iorque.

A revista especializada "International UFO Reporter" publica uma síntese da exposição do astrônomo americano. Nessa ocasião participou James Olberg como "advogado do diabo" versus Hynek. Olberg, especialista em informática e técnico da NASA, é um cético em relação ao problema dos OVNI's.

O conferencista partiu da base de que devia enfrentar um auditório muito cético e até mesmo hostil à questão. Por isso, disse: "Decidi mudar a argumentação que emprego em geral. Em vez de apresentar dois ou três casos significativos, para demonstrar que os OVNI's são um fato real, apresentarei 400 casos".

Como se sabe, para a maioria dos cientistas, os OVNI's são fenômenos naturais ou aparelhos construídos pelo homem. Tomando como modelos esses 400 casos, cujos dados foram estudados com computadores, o astrônomo analisou então as peculiaridades que o fenômeno apresenta.

Entre elas: aceleração anormal de velocidade e bruscas guinadas sem diminuir a marcha; efeitos que causam nos animais; efeitos eletromagnéticos; segmento de veículos e acompanhamento dos mesmos à baixa altura; parada no ar; sinais físicos no solo; inversão de movimento; invisibilidade ao radar; velocidade assombrosa; deslocamento lento no cume das árvores; entre outros.

W
102
1111
05
201

✱

IWAN THOMAS HALASZ

Com a repercussão dos objetos voadores não identificados que apareceram nos céus paulistas na noite de 19 de maio, surgiu a necessidade óbvia de esclarecimentos:

A primeira suspeita recaiu, muito obviamente, sobre artefatos espaciais. Os satélites e os ônibus espaciais que giram em órbitas inferiores a 400 km, não somente podem ser observados nas telas de radar, mas também podem ser vistos a olho nu quando iluminados pelo sol contra um céu escuro. Assim sendo, suspeitou-se se tratar da reentrada na atmosfera, e subsequente desintegração, de um corpo espacial, eventualmente de um foguete portador que devido ao arrasto das partículas nas proximidades da Terra, perdeu a velocidade necessária para contrabalançar a atração gravitacional.

Acontece que o Goddard Space Flight Center, cujos imensos computadores subterrâneos acompanham o movimento de todos os corpos lançados no espaço, não divulga informação sobre nenhuma reentrada, o que significa que ou não houve reentrada ou foi encoberta pelo sigilo militar.

Na ausência de pronunciamento da Goddard Space Flight Center, os radioamadores avançados em São Paulo, agregados na BRAMSAT, seção brasileira da The Radio Amateur Satellite Corporation AM-SAT, compilaram os fatos que podiam resultar em uma explicação plausível não relacionada com artefatos espaciais lançados pelo homem. O resumo destes fatos é como segue:

Durante o mês de maio de 1986 a média de fluxo solar em 2,8 Gigahertz, medido diariamente às 17 horas UTC em Ottawa-Canadá, era apenas de 72,4, correspondente a um número Zurich (conhecido também como número de Wolf em ho-

Os Ovnis de 19 de Maio

menagem ao suíço que o originou) de manchas solares de 12.

Embora este número seja baixo, devido ao fato de nos encontrarmos atualmente entre o Ciclo 21 e Ciclo 22 de manchas solares (com periodicidade entre 9 e 13 anos, com média de 11), o que importa, não é aparentemente o valor médio, mas a sua variação a curto prazo que provoca perturbações magnéticas, da mesma forma que a variação do fluxo de elétrons em um condutor varia o campo magnético em seu redor, e induz tensões elétricas em outros condutores.

Já aconteceu no auge do Ciclo solar 21, em novembro de 1979, que a contagem de manchas solares caiu num período de 18 dias de 383 para 154. As perturbações magnéticas e ionizações resultaram, também daquela vez, em boatos sobre discos voadores e outros objetos voadores não identificados.

Neste ano de 1986, o primeiro sinal de irregularidades de fluxo solar foi observado no dia 8 de fevereiro, quando perturbações na camada ionosférica E causaram efeitos aurora em quase todos os Estados Unidos, dando, simultaneamente, condições anormais de propagação em frequências de VHF e UHF aos radioamadores experimentais.

As perturbações continuaram ao menos até o dia 12 de fevereiro, quando chegaram a interromper a recepção, pela Nasa, dos sinais da sonda interplanetária Voyager-2 e, pela Amsat, do satélite amador OSCAR-10.

Agora, em maio, a perturbação foi mais intensa, com consequências mais visíveis e até danos físicos em ao menos um satélite. O que houve foi um aumento de três vezes no número de manchas solares num período de cinco dias. Conforme informações fornecidas pelo National Bureau of Standards, dos Estados Unidos, transmiti-

das em boletins através de suas estações WWV, WWVH, WWVB e WWVL, e gravadas em São Paulo, o número Zurich de manchas solares aumentou entre os dias 15 e 20 de maio p.p. de sete para 21 (este número não é contagem direta, mas é proporcional à soma do número de manchas com dez vezes o número de grupos de manchas).

No sábado, 17/05, danificou-se o computador a bordo do satélite amador OSCAR-10, que desde então não mais obedece aos comandos enviados pelas estações rastreadoras situadas na Nova Zelândia, no Canadá e na Alemanha Ocidental. Nos quase três anos que decorreram desde seu lançamento em 16 de junho de 1983, o satélite OSCAR-10 percorreu, até sua danificação, exatamente 2.202 órbitas, e passou todas as vezes pelo seu perigeu localizado no cinturão Van Allen sem que tivesse sofrido qualquer avaria em seu computador de bordo. Os cientistas norte-americanos têm como certo que, no dia 17 de maio, as bruscas variações do fluxo solar, através da ionização, tempestades magnéticas e especialmente forte radiação cósmica no cinturão Van Allen fizeram ultrapassar o limite de resistência do computador a bordo do satélite.

Na segunda-feira, 19/05, rompeu-se a camada ionizada que encobre a Terra em forma de esfera, fazendo com que os sinais de telemetria da estação orbital soviética Salyut-7, nas frequências de 19953 e 19954 KHz chegassem a São Paulo com intensidade extremamente forte, devido à falta de atenuação pela camada ionizada e, ao mesmo tempo, interromperam-se as comunicações terrenas entre radioamadores nas bandas de 10, 15 e 20 metros, a distâncias que dependem de reflexão pela camada ionosférica.

O que é ionização? Por definição, a

ionização é o desdobramento de moléculas em dois ou mais átomos eletricamente carregados, por exemplo, na ionosfera, pela colisão provocada por bombardeamento por altas energias. Quando os elétrons estão misturados com os íons positivos em números aproximadamente iguais entre si, eles formam um plasma altamente condutivo capaz de refletir até ondas decimétricas como se fossem objetos metálicos. Estes volumes de plasma podem ser detectados nas telas dos radares.

Quanto à possibilidade de deslocamento rápido da ionização da massa, posso dar um exemplo de experiência própria, ocorrida durante o já citado auge solar 21, em VHF, na faixa de 50 MHz onde o fenômeno mais pode ser observado. Utilizando baixíssima potência, falei como se fosse local, no dia 20 de novembro de 1980, às 0000 UTC com estação EL2FY de Monrovia, África, às 0005 UTC com a estação VS6BE, de Hongkong, às 0019 UTC com a estação LU9AEA da Argentina e às 0023 UTC com a estação CE3DZ do Chile, tudo isto em menos de 25 minutos. Na noite seguinte, às 2347 UTC com a LU9MA da Argentina, às 2358 UTC com a VP2VGR das Ilhas Leeward & Windward, no Caribe, à 0002 UTC com a PJ2DEW de Curaçao e às 0020 UTC com WH6ADA do Haway, tudo em menos de 35 minutos. Quando a ionização se deslocou, abriu-se a propagação para uma área e fechou-se para todas as outras.

Simultaneamente com a reflexão de ondas radioelétricas, as massas ionizadas podem emitir luz pelo efeito conhecido como efeito aurora, podendo ter dado aos pilotos, na noite clara de segunda-feira, 19/05, a impressão de objetos verdadeiros.

Para terminar, alguns esclarecimentos sobre a Bramsat. Trata-se de uma agremiação avançada de radioamadores brasileiros, com sede em São Paulo, presidida pelo radioamador PY2BJO Eng. Junior Torres de Castro. Ela goza de elevado prestígio entre os cientistas ligados à Nasa, por ter prestado relevantes serviços à comunidade espacial, como ficou evidente durante a visita, a São Paulo, do cientista da Nasa e ex-presidente da Amsat, Thomas A. Clark, radioamador W3IWI, que, além de ser PhD, é uma das maiores autoridades mundiais em radioastronomia.

É interessante mencionar que a Bramsat que procura manter-se junto à ponta da tecnologia espacial através de suas relações com a Nasa e com a Amsat, e que mantém uma estação terrena de baixo ruído a 30 Km de São Paulo, também proporciona, gratuitamente, assessoramento espacial à indústria nacional de receptores de satélites, tendo já colaborado com a Zirok, durante o desenvolvimento da antena parabólica e do